

O Sermonário de Frei Paio de Coimbra do Cód. Alc. 5 / CXXX

Há trinta anos, pelo menos, quando nos pusemos a estudar um por um, todos os códices alcobacenses da Biblioteca Nacional de Lisboa, respeitantes à Idade Média, seguindo a ordenação numérica do *Inventário dos Códices Alcobacenses*, logo no n.º 5 vieram ao nosso encontro estes sermões, ou melhor esquemas de sermões, escritos em pergaminho, em letra de transição do séc. XIII, com iniciais a vermelho e azul, filigranadas.

Os sermões não abrangem todo o códice. Na fol. 1-1v, aparece um *Sermo Natalis Domini*, em letra do séc. XV. Nas fols. 2-3v, em letra igual à dos sermões de Frei Paio, temos o índice alfabético do sermonário, a começar por *Angustia bona* (angústia boa) e a terminar em *Zabulon*. Abrange alguns nomes e sobretudo assuntos, tornando este manuscrito de extrema utilidade. Com efeito, aponta o número da folha correspondente a tal ou tal palavra, e qualquer pregador-aprendiz, se nos permitem a expressão, conseguiria descobrir facilmente o que dizia Frei Paio deste ou daquele tema. Não, porém, deste ou daquele santo! Para exemplificar, vamos transcrever o começo deste índice, embora sem a foliação:

Angustia bona
Amicus multiplex
Ager bonus
Aurum
Argentum
Adulacio
Apostasia fugienda

Fala-nos das abelhas, das várias espécies de animais, de algumas figuras de Nossa Senhora (mar, névoa, cidade, estrela, porta, vara), refere-se ao nome de Jesus, à natureza da palmeira, ao poço, à lã, à quadriga (tudo símbolos de coisas espirituais) e termina por estas palavras:

Christus flos dicitur
 Christus homo et Deus
 Christus hortatur nos
 Christi proprietas
 Christus medicus
 Christi propria
 Zabulon

Não estranhe alguém mais distraído ver *Christus* no final do índice alfabético, logo antes da letra Z, pois a abreviatura de Cristo, no latim, abre por um X. Por outro lado, acentuamos que nem sempre o escriba seguiu o rigor do alfabeto. Por exemplo, traz *Maria*, depois *Mulier* e a seguir volta a *Maria*. Além disso, esqueceu-se dalgumas palavras, desde *Columbe proprietas* (as qualidades da pomba) até *Consanguineos non cognoscere*. E como o verso da folha anterior ao índice estava ainda em claro, pôs nela esses vocábuloes ou chamadas temáticas, ao todo umas treze. Não sabemos quem ordenou tal índice.

Só depois vêm as 179 folhas dos sermões de Frei Paio, com numeração à parte e do próprio copista. É esta a que seguiremos.

Talvez possamos perguntar a razão da ausência, neste índice, dos nomes dos santos cujos panegíricos estão de certeza no sermão-nário. Ali vemos, por exemplo, o nome do diabo, inclusive um *diabolus sophisticus*, mas falta o nome de S. Domingos de Gusmão, a quem Frei Paio dedicou bom número de sermões. É que tais sermões de santos e festas do ano situam-se ao longo do ano litúrgico e os pregadores sabiam em que mês os deviam procurar, antes de tal ou tal santo ou depois de outro. Por isso, vamos encontrar o apóstolo S. André logo no princípio, pois a sua festa celebrava-se a 30 de Novembro e a primeira dominga do advento começava no domingo mais perto da sua festa, se por acaso não caía no próprio dia 30 de Novembro.

A seguir, vem uma arte de pregar, conforme diríamos hoje, atribuída a Mestre Frei João da Rupella: *Incipit processus magistris*

Iohannis de Rupella, ut credo, fratris ordinis minorum. Não nos importa agora se esta arte de pregar foi ou não de Frei João de La Rochelle, O. F. M., falecido em 1245. Só desejamos acentuar que todo o códice (e não unicamente os sermões de Frei Paio) se destinava a pregadores mais ou menos incipientes. Era um manual teórico e prático de oratória cristã.

Tornando aos sermões, foi seu autor o dominicano Frei Paio de Coimbra ou Pelagius Parvus. E conforme a nota final, da mesma letra, foi copista deles o monge alcobacense Frei Domingos Pires ou Peres (Dominicus Petri), no ano de 1250, a pedido de Dom Pedro Eanes, abade do Mosteiro de Tarouca. No códice, vem 1288 da era de César. Este e outros pontos, vê-los-emos mais adiante.

Nunca pensámos nem pensamos em publicar estas centenas de panegíricos distribuídos ao longo da roda litúrgica do ano. São mais de quatrocentos e exigiriam uma vida de trabalho, com o estabelecimento do texto, a verificação das citas, o estudo da doutrina e das fontes, etc. Queríamos somente publicar um largo ensaio sobre estes sermões de festa do séc. XIII, quase do tempo da pregação de S. António. No entanto, o assunto foi-nos parecendo vasto em demasia e outros cuidados nos desviaram para temas que melhor servissem para artigos fáceis de publicar nas revistas onde então escrevíamos.

Felizmente, Frei José Montalverne, em 1947, num estudo sobre a *Assunção de Nossa Senhora nos mais antigos manuscritos do Mosteiro de Alcobaça*, dedicou várias páginas aos sermões de Frei Paio de Coimbra, em torno da festa da Assunção¹. Escaparam algumas gralhas, 1240 por 1250, 1278 por 1288, etc. E do convento dominicano de Coimbra, onde morou Frei Paio, diz-se ter começado em 1275, o que torna bem difícil de situar no tempo e no espaço a vida e a obra do grande frade pregador, pois nessa época já ele morrera há muito e já andava a sua biografia nas *Vitae Fratrum* de Frei Gerardo de Frachet.

Aliás, Frei Luís de Sousa afirma que «no anno de 1227, havia já Convento formado, com Prior e Supprior. E consta por memórias, que vimos no Cartório, que era Prior neste anno hum Frei João»². E na mesma direcção caminha o moderno Frei Ângelo Walz, O. P., no

¹ FREI MONTALVERNE, *A Assunção de Nossa Senhora nos mais antigos manuscritos do Mosteiro de Alcobaça*, em «Colectânea de Estudos», n.º 3, Braga 1947, pp. 129-133.

² FREI LUÍS DE SOUSA, *História de S. Domingos*, t. 1, Lisboa 1866, p. 309.

Compendium Historiae Ordinis Praedicatorum, onde aponta o ano sobredito para a fundação do convento de Coimbra³.

Por outro lado, nada prova que Frei Pedro Pais, de quem falam Barbosa Machado e outros escritores, deva identificar-se com Frei Paio de Coimbra. Com efeito, há diferença de nome e de tempo, tanto mais que Pedro Pais escreveu uma vida de Frei Gil de Santarém, conforme diz a *Biblioteca Lusitana*, e sobreviveu a Frei Gil. Ora Frei Gil, por sua vez, morreu anos depois de Frei Paio de Coimbra. Por conseguinte, é possível que Frei Pedro Pais fosse, em parte, contemporâneo do autor do nosso sermonário. Sobreviveu-lhe, porém, bastantes anos e não podemos confundir um com o outro.

Seja como for, pertence a Frei Montalverne a primazia da publicação, entre nós, dalgumas páginas eruditas sobre Frei Paio de Coimbra e os seus sermões da Assunção.

Passaram depois bastantes anos e muito desejaríamos servir-nos da edição crítica do sermonário de Frei Paio, em preparação no estrangeiro, segundo informação dum nosso amigo da Ordem de S. Domingos. É mais fácil e mais económico utilizar uma edição crítica do que o próprio manuscrito.

No entanto, passados trinta anos sobre os nossos primeiros contactos com o velho códice do séc. XIII, sabendo como são longas e trabalhosas tais edições e, por outro lado, sobrando-nos pouco tempo para esperar, resolvemos publicar alguma coisa sobre esta obra da nossa Idade Média, só equiparável aos sermões de S. António. Lamentamos, ainda assim, não podermos lançar mão da obra impressa e com as notas de que o seu editor a enriquecerá.

Por agora, recordaremos, em primeiro lugar, o que podemos saber da vida e pessoa de Frei Paio de Coimbra, sobretudo à base de Frei Gerardo de Frachet, seu contemporâneo. Abordaremos depois o problema da autoria deste sermonário, do tempo e lugar em que devemos situar a obra e o seu autor, cujas viagens ficamos a conhecer, ao menos em parte. Por fim, daremos ao leitor uma vista de conjunto desta *suma de sermões*, como diz o códice alcobacense, nomeando os santos e festas do ano que entram no sermonário de Frei Paio, com o número de panegíricos correspondentes a cada festa. Ao mesmo tempo, diremos o dia e mês da sua celebração, conforme a ordem do calendário litúrgico.

³ ANGELUS WALZ, O. P., *Compendium Historiae Ordinis Praedicatorum*, Roma 1948, p. 130. Seria melhor só dizer que neste ano já existia o convento.

Desde já, pedimos desculpa de sermos tão minuciosos no problema da atribuição destes sermões a Frei Paio de Coimbra, com o qual identificamos o *Frater Pelagius Parvus, ordinis predicatorum*, do final do sermonário. Fazemo-lo para tirar todas as dúvidas dignas de atenção, tanto mais que tão minuciosa análise nos servirá para descobrir elementos biográficos da vida e acção deste frade pregador.

Vida de Frei Paio e autoria deste sermonário

Da informação bibliográfica de Jorge Cardoso, no *Hagiológico Lusitano*⁴, nada ou pouco diremos. Basta-nos a referência a Frei Luís de Sousa⁵ e à data duvidosa da morte de Frei Paio de Coimbra ali apontada: «Primus huius Conventus Prior morum sanctitate ac miraculorum gloria insignis Pelagius hic situs est. Obiit circa annum 1240»⁶. Aqui jaz Frei Paio, primeiro prior deste convento e notável pela santidade de costumes e pela glória dos seus milagres. Morreu à volta de 1240. E acrescenta Frei Luís de Sousa: «foi sua vida e morte surda e sem rumor»⁷. Talvez isto explique a ignorância do ano exacto em que morreu um dos maiores pregadores do séc. XIII. Tardia deve ser a lápide, talvez da época da trasladação, no séc. XVI, para ignorar o ano certo da morte de tão insigne varão. Tardia e sem grande valor. Outros autores apontam o ano de 1257 (e não o de 1240), o que faz supor a inexistência de lápide antiga com ano certo. De contrário, talvez a levassem quando trasladaram o túmulo ou as ossadas.

O cônego coimbrão Pedro Álvares Nogueira († 1598) fala-nos também de Frei Paio, assim como do «mosteiro de sam Domingos o velho». Nele esteve muitos anos a sepultura do grande pregador, até que «os frades levarão tudo pera o mosteiro novo e não deixarão mais que hum sino, em lembrança do milagre» que, na fundição do mesmo sino, realizou «o bemaventurado sam Payo»⁸. Nada sobre o ano da morte.

⁴ JORGE CARDOSO, *Hagiológico Lusitano*, t. 2, Lisboa 1657, pp. 570-571, 583-584.

⁵ FREI LUÍS DE SOUSA, *História de S. Domingos*, t. 1, Lisboa 1866, pp. 309-316.

⁶ *Ib.*, p. 316.

⁷ *Ib.*, p. 311.

⁸ PEDRO ÁLVARES NOGUEIRA, *Livro das Vidas dos Bispos da Sé de Coimbra*, Coimbra 1942, p. 71.

Aliás, a narrativa das suas virtudes e milagres, escrita no terceiro quartel do séc. XIII⁹, também não diz o ano. Nós, atendendo aos seus milagres, insertos por Gerardo de Frachet nas *Vitae Fratrum*, já escritas e postas a correr em 1259, supomos demasiado tardio o ano de 1257, para tão depressa acontecerem tais maravilhas e escreverem o que do frade se contava e chegar tudo lá longe, onde estava Gerardo de Frachet. Tudo isto em menos de dois anos. Precisamos de mais algum recuo no tempo. Sobretudo para a fama de Frei Paio, da sua morte e dos seus milagres penetrar nos núcleos muçulmanos dos arredores de Coimbra, como veremos. Vamos, porém, às páginas que Frei Gerardo de Frachet dedicou a Frei Paio, nas *Vitae Fratrum Ordinis Praedicatorum*, de que existem vários códices, alguns do séc. XIII.

Foi um dos muitos frades, cujas vidas chegaram às mãos pacientes do compilador Frei Gerardo de Frachet (Frachet era a terra onde ele nasceu), a quem o ano exacto da morte não interessava por aí além. E aos seus informadores acontecia o mesmo. Aliás, tratava-se de pessoas contemporâneas umas das outras. A ordem estava quase nos começos, S. Domingos de Gusmão morrera anos atrás em 1221 e Frei Gil de Santarém ainda vivia. Bom e austero, enviava ele mesmo narrativas hagiográficas que Frei Gerardo tinha o cuidado de publicar, dando mostras dum respeito extraordinário pela presença agradável, pelo saber e pela santidade do que viria a figurar como o Fausto português da Idade Média.

Frei Gerardo de Frachet, por outro lado, não conhecia as coisas portuguesas só por ter ouvido ou por lhas mandarem dizer. Esteve em Portugal, pelo menos no ano de 1241¹⁰, e cá pregou muitas vezes, escreve ele, no lugar onde pouco depois se construiu o convento de S. Domingos de Lisboa. E pregava junto «duma figueira»¹¹ que ali havia, relacionada com o «milagre» ou visão de Nossa Senhora da Escada, a que ele também se refere. Contamos o em que ele acreditava, pois isso e nada mais interessa para o nosso caso.

⁹ FREI GERARDO DE FRACHET, *Vitae Fratrum*, Lovaina 1896, pp. 295-296. Atendendo às várias edições e traduções desta obra, preferimos apontar, neste e noutros trabalhos, a parte, o capítulo e o parágrafo ou número. No caso presente, parte 5, cap. 9, n.º 1.

¹⁰ FREI GERARDO DE FRACHET, *Vitae Fratrum*, parte 1, cap. 4, n.º 8. A respeito dos anos que passou em Lisboa, cf. *Santo Domingo de Guzmán visto por sus contemporáneos*, Madrid 1947, pp. 499, 504, nos dados biográficos sobre Frei Gerardo de Frachet. Esquemas biográficos, introduções, versão e notas dos PP. Miguel Gelabert, O. P., e José María Milagro, O. P.

¹¹ FREI GERARDO DE FRACHET, *Vitae Fratrum*, Lovaina 1896, parte 1, cap. 4, n.º 8.

Quanto às suas narrativas de origem portuguesa, veio-lhe a maioria das mãos de Frei Gil. Mas segundo parece, não foi este mas, sim, outro frade de aquém-Pirenéus que enviou a Frei Gerardo de Frachet (ou ao geral da ordem) o pequeno relatório da vida e milagres de Frei Paio de Coimbra, inserto logo no começo do capítulo 9, da parte 5, capítulo esse intitulado *De pertinentibus ad egressum fratrum de hoc mundo*: Do que respeita à morte dos nossos irmãos. Principia deste modo: «Ad laudem et gloriam Ihesu Christi, referimus que fratres de Hyspania nobis de fratre Pelagio Hyspano scripserunt». Quer dizer: Em honra e louvor de Jesus Cristo, vamos contar o que nos escreveram os frades das Espanhas, acerca de Frei Pelaio (ou melhor, Paio), natural das Espanhas.

Hispanus, naquele tempo (e mesmo nos *Lusíadas*) tanto às vezes podia significar português como espanhol. E foi este o caso. Por sinal que vem logo a seguir a vida, morte e milagres de Frei Pedro Gonçalves, o do Corpo Santo, em Lisboa, ou então o «frey Pero Gonçalves bento» do *Triunfo do Inverno*, de Gil Vicente. Entregou ele a alma a Deus, no ano de 1249. E se Frei Gerardo de Frachet ordenasse por ordem temporal estas mortes edificantes, teríamos então a certeza de que Frei Paio de Coimbra faleceu antes de 1249, data da morte do protector dos mareantes portugueses e galegos.

Que nos dizem de Frei Paio os informadores (directos ou indirectos) de Frei Gerardo? Pois bem, dizem que ele confessou e pregou durante largo tempo (*diu...*) e partiu deste mundo no convento de Coimbra, rodeado pelos outros frades postos de joelhos e a rezar: «tandem in regno Portugalie in conventu Columbrie coram positis fratribus et orantibus, in domino requievit».

Passado algum tempo (notemos a frase) morreu outro frade e enterraram-no junto do seu coval, *iuxta suum tumulum*. Ora, tanto o coveiro como os frades sentirem evolar-se dele um perfume maravilhoso (*odor admirabilis*) e uma espécie de névoa (*nebula*). E estando bastante doente a filha do coveiro e sem poder levantar-se, de regresso a casa ofertou-a a Frei Paio (*devovit eam fratri Pelagio...*), isto é, fez por ela uma promessa. Logo se levantou a moça, pegou no cântaro e foi buscar água ao rio, sem doença nenhuma.

Em primeiro lugar, concluímos daqui não estar Frei Paio em túmulo de pedra, pois de contrário ninguém poderia afirmar sair dos seus restos mortais o tal perfume. Além disso, explica-nos este facto o ignorarmos o ano exacto da sua morte, pois era um coval como os outros, não túmulo de pedra. E parece não haver lage sobre a

campa, ao menos com qualquer inscrição, pois de contrário tê-la-iam levado mais tarde para o convento novo e nela estaria a data da morte, como de homem famoso. Com efeito, se pusessem lage, implicaria isto uma distinção especial, para a austeridade de então. Tratar-se-ia duma pessoa cujo nome era preciso conservar. O nome e ao menos o ano em que morreu. E nesse caso já Frei Luís de Sousa não poderia afirmar ser a sua morte surda e sem rumor. A fama de santidade, julgamos nós, espalhou-se mais a partir do povo. A não ser nas colectâneas de vidas edificantes, algum tanto para glória da ordem, os religiosos são em geral severos no julgamento dos seus irmãos, porque ninguém é profeta na sua terra. Mas depois aceitam a voz do povo, que naquele tempo era também a voz de Deus, na canonização de alguns santos.

Segue o famoso milagre da fundição do sino; mais outro duma mulher com dores no estômago; um escudeiro dos arredores de Coimbra e um frade dominicano do convento, ambos eles curados da febre; a confissão dum pecador empedernido; a cura dum cego que dantes se confessava a Frei Paio; cinco endemoninhados salvos da sua aflicção, mas em diversas ocasiões (*diversis temporibus...*) e não juntos, o que faz supor o correr do tempo; enfim, duas mulheres sarracenas, dos arredores de Coimbra, atacadas de febre e livres da doença, por tomarem terra do sepulcro de Frei Paio: «acceperunt de terra tumuli fratris Pelagii et statim divina misericordia sunt curate». Milagre deveras notável, ajunta o anónimo autor: «Item quod mirabilius fuit...». E notável porquê? Por se tratar de muçulmanas, gente doutra religião. Nem vemos outro motivo.

Tal «milagre» faz supor um tempo razoável, embora não muito longo, entre a morte de Frei Paio e o relatório enviado para a colectânea das *Vitae Fratrum*. Com efeito, seriam talvez necessários alguns anos para a fama do frade penetrar no seio das famílias muçulmanas, a ponto de levar as duas mulherzinhas islamitas a ir de romaria ao sepulcro de Frei Paio e obter o milagre, com espanto dos frades: *quod mirabilius est...* Nem nos pareça isto invenção, porque alguns muçulmanos iam também de peregrinação a S. Vicente do Cabo.

Em suma, temos de supor alguns anos de recuo entre a morte de Frei Paio e o envio da sua biografia e milagres, insertos nas *Vitae Fratrum*, publicadas em 1259. Por este e outros motivos, recusamos aceitar a data de 1257, para a morte do frade pregador.

Ora bem, este frade, cuja morte foi «surda e sem rumor», deixou-nos uma colecção de sermões que podemos colocar, sem vergonha,

ao lado dos que escreveu Santo António de Lisboa, seu contemporâneo. Nada menos de quatrocentos e sete sermões, quase todos panegíricos de santos. Entre eles, dois sermões em louvor de Santo António, o que faz de Frei Paio um dos panegiristas antonianos mais antigos — e muito desejaríamos nós que fossem estes os mais recuados sermões ainda existentes, em honra do grande santo de Lisboa. Com efeito, morreu S. António em 1231. O códice alcobacense estava pronto em 1250, quer dizer, uns dezanove anos depois. Contudo, não pensemos ter sido Frei Paio um contemporâneo tardio de Santo António. Não. O frade dominicano pregou e confessou durante muito tempo, como vem nas *Vitae Fratrum*. Quer dizer, podia ter mais ou menos a idade de S. António, pois este ordenou-se sacerdote e entrou para franciscano em 1220, morrendo em 1231. Dez ou onze anos é relativamente pouco, na linha do tempo. Frei Paio, com uma vida apostólica mais extensa, pôde sobreviver-lhe alguns anos mais, sem deixar de ter mais ou menos a mesma idade. Seja como for, pertence a Portugal a glória de ter alguns dos sermões mais antigos em honra de S. António de Lisboa, ou como ele diz, S. Fernando: «Incipit sermo primus in festivitate beati Fernandi, dicti Antonii, natione Ulixbonensis»¹².

Parece dirigir-se a um auditório que de perto conhecera o santo sob o nome antigo e familiar de Fernando. Quer dizer, um auditório português, talvez de Coimbra ou de Lisboa, onde ele fora cónego regente. Só no estrangeiro é que o nome de António começou a tornar-se famoso.

No final destes quatrocentos e tal sermões «para fazer», acentuamos nós, e não tal como seriam declamados *per longum et latum*, temos esta nota do copista: «Explicit summa composita a fratre Pelagio Parvo ordinis predicatorum et scripta ad preces Domini Petri Ihoannis, abbatis sancti Ihoannis d'Tharauca, per manus Domini Petri, Ulixbonensis, Alcobacie monachi. Mense octobris, era M.ª cc.ª Lxxxª viiiª».

Como já dissemos, o ano 1288 da era de César equivale a 1250 da era cristã. Quer dizer: Acaba a suma composta por Frei Paio o Pequeno, da ordem dos pregadores, e copiada a pedido de D. Pedro Eanes, abade de S. João de Tarouca, pela mão de Domingos Pires (ou Peres) de Lisboa, monge de Alcobaça, em Outubro de 1250.

¹² Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 5, fol. 91.

A seguir (e na mesma letra) estes versos latinos, mal transcritos no *Inventário dos Códices Alcobacenses*:

«Gloria sit fini, qui tempus et omnia finit;
Gloria, laus, virtus, honor, imperium tribus, uni;
Gloria principio, sine motu, cuncta moventi;
Gloria sit fini nostro, sine fine manenti».

«Dê-se glória ao Fim, que ao tempo e a tudo acaba; dê-se glória, louvor, poder, honra e domínio a Deus trino e uno; glória seja ao Princípio que, sem se mover, a tudo move; glória seja ao nosso Fim, que fim não tem».

Deve ser isto da iniciativa do monge Domingos Pires de Lisboa, sem contudo afirmarmos que lhe pertence a autoria dos versos e as referências ao Motor Imóvel, cheio de sabor filosófico e aristotélico.

A época, o copista português, a ordem religiosa deste Frei Paio o Pequeno, tudo caminha na direcção de Frei Paio de Coimbra, ou, como escreve Frei Gerardo de Frachet, «frater Pelagius Hyspanus». Frei Paio o Pequeno seria o nome popular do pregador. E não era caso único. E para não sairmos das *Vitae Fratrum*, acentuamos mais uma vez ter ele pregado muitos anos: «cum diu in predicacionis officio... laborasset»...

S. João de Tarouca, perto de Lamego, não estava muito longe para a fama dum bom pregador, que levou a sua palavra mesmo a aldeolas cuja padroeira era Santa Marinha. E assim, o abade do Mosteiro de Tarouca salvou para a nossa cultura um colectânea de sermões ignorada dos bibliógrafos, mesmo dominicanos. Por outro lado, foi em vão que procurámos outro *Pelagius* da ordem de S. Domingos, na primeira metade do séc. XIII.

Aliás, o apelido *Parvus*, quer signifique Pequeno quer equivalha a Júnior, para neste caso distinguir o pai do filho, passando às vezes a apelido que se transmite aos descendentes, esse apelido, dizíamos nós, nada tem de raro.

Quétif-Échard, nos *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, não apontam nenhum *Pelagius*, deixando assim mais confirmada a autoria do sermonário, atribuída ao dominicano *Pelagius Parvus*, por não aparecer outro escritor ou panegirista dominico do mesmo nome. Em compensação, regista esta obra nada menos de três frades pregadores cujos nomes convém fixar: *Antonius Parvus*, do séc. XV; *Bartholomeus Parvus*, do séc. XIV; e ainda outro *Bartholomeus*

Parvus, de Bolonha, mais ou menos da mesma época. Todos eles frades pregadores.

Por outro lado, nas *Inquirições Gerais de D. Afonso III*, de 1258, cita-se, por exemplo, o testemunho dum certo «*Petrus Parvus*»¹³. E em português, havia também o apelido Pequeno¹⁴. Quanto à França medieval, basta recordar o nome de Jean Petit, dos sécs. XIV-XV, teólogo famoso pelos seus discursos contra o Grande Cisma.

Que os sermões de Frei Paio sejam de importância para a história da eloquência medieval, salta aos olhos, sobretudo para o caso português. É não só. Com efeito, nos seus estudos sobre os dominicanos do séc. XIII, escreve Bennett que só a partir dos meados do séc. XIII se conservaram sermões escritos dos frades pregadores. E ajunta ser difícil distinguir então a eloquência dos frades pregadores, ou domínicos, da dos frades menores: «One great difficulty arises at the start, and remains to some extent insurmountable. It is to distinguish the Dominican preacher, his ideals, his work and his congregations from those of other evangelists. It has, for instance, already been stated that Friars Preacher and Friars Minor are almost indistinguishable after about the middle of the thirteenth century; yet it is only from just that time onwards that we possess Dominican sermon-manuals and collections of sermons that can help us to answer the questions posed above»¹⁵.

Devemos, pois, concluir que o sermonário de Frei Paio, precisamente em cópia dos meados do séc. XIII e composto anos atrás, adquire uma importância enorme para a história da pregação dominicana, por ser dos mais antigos. Além disso, e para completar, desde já, o pensamento de Bennett, convém afirmar ser o seu estilo diferente do de S. António. Mesmo bastante diferente, como um dia veremos, com menor predomínio de símbolos da história natural.

Uma análise interna dos sermões confirma a tese da sua proveniência dominicana e portuguesa. Antes disso, da Península Ibérica.

Logo no terceiro sermão do apóstolo S. André, ataca os sarracenos, o que não faria se eles estivessem longe: «*Quidam invocant*

¹³ *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones*, t. 1, p. 502.

¹⁴ A. A. CORTESÃO, *Onomástico Medieval Português*, Lisboa 1912, p. 263.

¹⁵ R. F. BENNETT, *The early dominicans*, Cambridge 1937, pp. 75-76.

ipsum ore tantum, ut sarraceni pessimi blasfamantes¹⁶ qui admiscent laudes pessimi Mafumethi»¹⁷. Quer dizer: Alguns invocam a Deus, mas só de boca, como os sarracenos blasfemadores detestáveis, os quais juntam os louvores do péssimo Mafamede aos louvores de Deus.

Podemos, assim, suspeitar da vizinhança dos muçulmanos e dum público com eles relacionado, pois os islamitas formavam, ainda, pequenas ilhotas em terras cristãs portuguesas e só perderam o domínio do Algarve (dos restos do Algarve, se assim quisermos) em 1250, quando tais sermões já tinham sido pregados.

Por isso, na vigília do Natal, ao falar da santificação da alma, refere-se Frei Paio à guerra contra os infiéis: «Sarracenorum vastatio»¹⁸. E no último sermão de S. Silvestre, fala o pregador da disputa que o santo sustentou com doze sábios judeus, lembrando-nos que, sem Deus, nada podemos na luta contra os judeus, sarracenos, demónios e falsos irmãos: «hoc etiam dicamus nos quotiens conflagimus contra iudeos, contra sarracenos et demones et contra falsos fratres»¹⁹.

Decerto que os dominicanos daquele tempo batiam-se duramente pela ortodoxia. No entanto, Frei Paio sabia que a verdadeira conversão tinha de vir de dentro, das entranhas da alma. A guerra não bastava. A disputa abria o caminho, mas não chegava. E às vezes, fechava mesmo o caminho, pelo endurecimento de cada um nas suas posições. Só Deus tinha nas suas mãos o coração do homem e o podia encaminhar pela sua graça.

Ainda quanto aos muçulmanos, declara Frei Paio, pela festa dos reis magos, que não criam os muçulmanos na divindade de Cristo: «hoc contra sarracenos qui Christum Deum esse non credunt»²⁰.

Aqui e além, frases perdidas que não ocorreriam aos pregadores de hoje em dia, revelando, por vezes, apreciáveis conhecimentos do Islão. Até os muçulmanos celebram a festa de S. João Baptista, exclama ele²¹: «eciam sarraceni celebrant festum eius». E tinha razão. De facto, o *Alcorão* considera S. João Baptista um mártir e

¹⁶ Isto é, *blasphemantes*.

¹⁷ Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 5, fl. 1 v.

¹⁸ *Ib.*, fl. 14 v.

¹⁹ *Ib.*, fol. 33 v.

²⁰ *Ib.*, fol. 37.

²¹ *Ib.*, fol. 92 v.

profeta. Por outro lado, Al-Biruni, à volta do ano mil²², entre as festas do calendário muçulmano na Síria nomeia o martírio de S. João Baptista (ou Yahia). Na Península Ibérica, devia acontecer o mesmo, tanto mais que os muçulmanos viviam paredes meias com os moçárabes, em terras ainda não libertadas.

Por exemplo, cristãos e muçulmanos conheciam a fama da Igreja do Corvo e o promontório onde ela se erguia: Tarf-al-gorab (Cabo do Corvo). Iam lá peregrinos moçárabes e crentes do Alcorão, tanto mais que os monges do santuário, ou melhor ermitães, mostravam-se bastante hospitaleiros. Não lhes faltavam rendas nem esmolas de todo o Algarve²³. Isto em pleno domínio muçulmano. No mundo em que pregava Frei Paio dava-se um fenómeno igual, mas de sentido inverso. Eram os muçulmanos, agora, que faziam o papel dos moçárabes. Porém, como estes, conservavam a sua fé, e a veneração de S. João Baptista era um ponto que os unia aos cristãos. O testemunho favorável dum adversário tem valor dobrado e por isso o alegou Frei Paio.

Quando chegam os sermões de S. Tiago de Compostela, aclara-se ainda mais o peninsularismo ibérico do autor. Consagra-lhe nada menos de treze sermões²⁴, revela conhecimento amplo das lendas e milagres santiagueses e lembra que o santo apóstolo era nosso patrono na guerra contra os sequazes de Mafoma. Nas terras da Hispânia, escreve ele, jaz o corpo de S. Tiago, para a livrar do poder dos muçulmanos. Disto duvidou certo bispo da Grécia, de nome Estêvão, recluso na igreja do santo, em Compostela. Mas em breve se arrependeu, ao ver o apóstolo glorioso, montado a cavalo e a anunciar-lhe a conquista de Coimbra por Fernando Magno, rei de Leão e Castela²⁵.

Talvez este sermão de Frei Paio fosse pregado em Coimbra e por isso escolheu este «milagre» do *Liber Sancti Iacobi*²⁶.

Refere-se ainda Frei Paio à lenda santiaguesa das vieiras, lenda cem por cento popular mas que falta no *Liber Sancti Iacobi*. Por esse

²² W. BJORKMAN, *Yahia*, em «The Encyclopaedia of Islam», t. 4, Londres 1934, p. 1149.

²³ MÁRIO MARTINS, *Peregrinações e Livros de Milagres na nossa Idade Média*, Lisboa 1957 pp. 45-47.

²⁴ Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 5, fols. 106 v-113.

²⁵ *Ib.*, fols. 110 v-111.

²⁶ *Liber Sancti Iacobi*, Santiago de Compostela 1944, pp. 283-284. Ed. por Walter Muir Whitehill.

tempo, Frei Bernardo de Brihuega, colaborador de Afonso o Sábio²⁷, situou tal lenda perto do Porto, em terras da Maia²⁸. Pelo menos, assim a lemos na versão portuguesa dos *Autos dos Apóstolos*. Quanto a Frei Paio, diz um tanto vagamente: nas terras da Galécia. Enfim, terras galegas, supomos nós, porque a Galiza, no séc. XIII, não abrangia Portugal: «exemplum de filio regis illius terre ubi ipse iacet, qui in nupciis propriis currens cum equo precipitatus est in profundum maris et nuptie verse sunt in luctum, qui extractus a beato Iacobo de profundo maris exivit totus conchis coopertus cum equo suo, qui apparuit patri suo et dixit se liberatum a beato Iacobo qui iacebat in terra illa, quo audito pater conversus est ad fidem cum filio et cum tota terra sua; ex hoc miraculo inolevit consuetudo ut peregrini sancti Iacobi conchis se signent»²⁹.

Graças ao santo apóstolo, insiste Frei Paio de Coimbra, era a Península Ibérica a terra mais limpa de heresias e pouco ou nada infectada pela heterodoxia: «nullam christianorum provinciam videmus hodie tam sincere, ut Hyspaniam, ab hereticorum putredine conservatam»³⁰. Hispânia, diz ele. E duma vez para sempre, notamos que a Espanha, no sentido actual do termo, ainda não existia. Por isso a Hispânia, em Frei Paio, significava o todo geográfico das Espanhas: Catalunha, Navarra, Leão e Castela, Portugal, etc.

Sabemos que os treze sermões santiagueses tinham muitos púlpitos em Portugal, para ali serem pregados, porque S. Tiago era o padroeiro de quarenta e cinco freguesias da Igreja Bracarense, apontadas nos respectivos censuais³¹, sem falarmos nas ermidas, uma delas em S. Tirso de Prazins³². E não se tratava só da arquidiocese de Braga.

Cinco sermões em honra de Santa Eulália³³, dois panegíricos de Santa Marinha³⁴, tão venerada em Portugal e na Galiza, a referência fugidia a uma reclusa das Vascongadas, num sermão de Santa Maria Madalena³⁵, tudo isto acentua o carácter ibérico do autor.

²⁷ MÁRIO MARTINS, *Estudos de Cultura Medieval*, t. 2, Braga. 1972, pp. 105 e ss.

²⁸ *Ib.*, pp. 245-260.

²⁹ Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 5, fol. 111.

³⁰ *Ibidem*.

³¹ AVELINO DE JESUS DA COSTA, *O bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*, t. 1, Coimbra 1959, p. 338.

³² *Ib.*, nota 3.

³³ Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 5, fols. 7 v-9.

³⁴ *Ib.*, fols. 101 v-102 v.

³⁵ *Ib.*, fol. 105 v.

Falámos de Santa Marinha. Era ela a padroeira de, pelo menos, vinte e três freguesias das terras do prelado bracarense³⁶, sem falarmos do mosteiro de Santa Marinha da Costa, em Guimarães. A Igreja de Orense reivindicava esta santa para si³⁷, fazendo assim pertencer à Galiza uma mártir de Antioquia. Frei Paio adopta a lenda simbólica do dragão. Porém, não confunde Santa Marinha com outra, do mesmo nome, que se fez monge, vestida de homem³⁸. Seja como for, a devoção a Santa Marinha era muito própria do ocidente da Península Ibérica.

Até agora, nada explícito sobre Portugal, nem sequer nos dez sermões do mártir S. Vicente³⁹, onde não fala da trasladação das suas relíquias para Lisboa. Na elucubração de tais panegíricos, devia ele seguir habitualmente algum santoral ou simples breviário da ordem, sem carácter regional, embora tivesse de escolher os santos mais da nossa devoção, conforme o pedido para pregar nesta ou naquela freguesia.

Porém, no sermão das Cadeias de S. Pedro, conta-nos Frei Paio que esteve em Santarém, quando morreu o franciscano Frei Vicente de Lisboa. Na agonia deste frade menor, escreve ele, apareceu-lhe Nosso Senhor, a Virgem Maria e o arcanjo S. Miguel. E voltando-se o frade moribundo para os irmãos do convento exclamou: Alegrai-vos, pois agora sei de verdade que estou inscrito no livro dos bem-aventurados. Eis aqui está o Senhor Jesus, sua Mãe e S. Miguel, para me assistirem nesta hora. E entregou a alma a Deus.

Pela sua importância documental, passamos a transcrever o latim desta passagem reveladora: «Ita cum essem apud Sanctarenam, quidam frater minorum, nomine Vincentius Ulixbonensis, ad extrema veniens, vidit dominum Iesum et venerabilem matrem eius et beatum Michaellem assistere, et conversus ad fratres ait: Gaudete, fratres. Nunc scio vere quia scriptus sum in libro vite. Ecce, inquit, dominus Iesus et mater eius et beatus Michael assistunt. Et obiit»⁴⁰.

Vimos atrás que, usando os estrangeiros a expressão S. António de Pádua, Frei Paio de Coimbra fala dele em termos onde ressalta

³⁶ AVELINO DE JESUS DA COSTA, *O bispo D. Pedro e a organização da diocese de Braga*, t. 1, Coimbra 1959, p. 329.

³⁷ *Ib.*, p. 330.

³⁸ Cf. *Ho flos sanctorum em lingoagem portugues*, Lisboa 1513, fol. 94 v.

³⁹ *Bíbl. Nac. de Lisboa*, cód. alc. 5, fols. 49 v-55 v.

⁴⁰ *Ib.*, fols. 113 v-114.

o nome de Lisboa e o nome de baptismo do grande franciscano, antigo cónego de Santa Cruz de Coimbra: *Sermo primus in festiuitate beati Fernandi, dicti Antonii, natione Ulixbonensis*⁴¹. Quer dizer: «Primeiro sermão da festa do bem-aventurado Fernando, chamado António, natural de Lisboa». E ambos os sermões foram escritos à base da *Vita sancti Antonii confessoris, et de miraculis eiusdem*, composta à volta de 1232 e aprovada por Gregório IX. Chega mesmo a empregar expressões iguais, algumas delas fornecidas por D. Soeiro Viegas, bispo de Lisboa. Foram estes sermões pregados entre 1232 e a morte de Frei Paio, como é natural, e não sabemos se existem outros no mundo, mais antigos do que estes, em louvor de S. António de Lisboa. Estes devem ser dos mais recuados e são uma glória para Portugal. Além disso, repetimos o que atrás já dissemos: O facto de o pregador dizer primeiro Fernando e, só depois, António, supõe um auditório ou leitores não estrangeiros, quer dizer, portugueses, sobretudo coimbrões ou lisboetas, acostumados ao nome familiar de Fernando. Aos estrangeiros só interessava o nome franciscano de Frei António, embora a vida atrás citada, decerto por insinuação de D. Soeiro Viegas, acentuasse que Fernando era o seu nome, quer na família quer entre os cónegos regrantes.

Para melhor situarmos estes sermões no tempo de Frei Paio (e não antes nem depois), lembramos que ele cita os nomes dos papas Lúcio III (1181-1185), Urbano II (1185-1187) e Inocêncio III (1198-1216), no quinto sermão da purificação da Virgem Maria⁴². Podemos, no entanto, apertar mais o cerco ao tempo aproximado em que foram compostos tais sermões. S. Francisco de Assis foi canonizado em 1228, S. António em 1232 e S. Domingos em 1234. Pois bem, já vêm neste códice os panegíricos destes santos⁴³. Donde se conclui que o seu autor ainda vivia e pregava em 1234. Por outro lado, no sermão de S. Miguel Arcanjo, fala-nos do geral dos dominicanos⁴⁴, Frei Jordão, que governou de 1222 a 1237.

O maior número de sermões dedicados a S. Domingos, mais do que a outros fundadores de ordens religiosas, indica-nos logo um dominicano. De facto, num sermão da natividade de Nossa Senhora, salta à vista nova referência a S. Domingos, ao contar o

⁴¹ *Ib.*, fol. 91.

⁴² *Ib.*, fols. 60 v-61.

⁴³ *Ib.*, fols. 156-157 v, 91-91 v, 114-118 v.

⁴⁴ *Ib.*, fol. 150 v.

milagre da cura de Frei Reginaldo: «lumen consolationis, ut Reginaldo, ad quem, ut dicitur, in vita sancti Dominici, regina celi inter estus februm <apparuit> et sanavit manu propria perungendo»⁴⁵.

Ora, tal milagre vem na primeira legenda de S. Domingos, a de Frei Pedro Ferrando, composta entre 1235 e 1239⁴⁶. E aqui temos nós uma data bastante aproximada, fazendo avançar estes sermões (ou melhor, alguns deles), pelo menos até 1235 ou 1236. E que foi da legenda de Frei Pedro Ferrando e não doutra que ele se serviu, vê-se no primeiro sermão em louvor de S. Domingos. Declara Frei Paio que, na vida de S. Domingos, se afirmava ter ele vindo ao aproximar-se o fim do mundo, à maneira duma nova estrela: «unde dicitur in vita eius: beatus Dominicus, predicatorum dux et pater inclitus, appropinquante mundi termino, quasi novum sydus emicuit»⁴⁷. Ora, é precisamente na legenda acima citada que nós descobrimos este pensamento, logo no primeiro capítulo.

Estes sermões, mesmo se desconhecêssemos a nota final da obra, orientam-nos, pois, na direcção de Portugal e da Península Ibérica do séc. XIII, sob o signo dos dominicanos, conforme se vê no tom geral das suas apologias das ordens religiosas, sobretudo ao falar dos frades pregadores.

No já citado sermão de S. Miguel Arcanjo, vem um elogio especial para os frades de S. Domingos⁴⁸, destinados a esforçar os fiéis com a sua eloquência. São dez sermões em louvor de S. Domingos⁴⁹, quatro para S. Bento⁵⁰, dois para S. Francisco de Assis⁵¹, quatro para S. Agostinho⁵² e nenhum para S. Bernardo. E já agora, também não há sermão algum do mártir domínico S. Pedro de Verona, canonizado em 1253. Devia ter havido festas nos conventos portugueses, da ordem de S. Domingos. Ou não o convidaram para pregar, por já estar velhinho, ou já não era deste mundo e é isto o que pensamos.

Que era domínico o autor destes sermões e que a nota final não mente, segue-se também de mil outros pormenores. Volta

⁴⁵ *Ib.*, fol. 134 v.

⁴⁶ *Santo Domingo de Guzmán visto por sus contemporáneos*, Madrid 1947, p. 329.

⁴⁷ Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 5, fol. 114 v.

⁴⁸ *Ib.*, fol. 150 v.

⁴⁹ *Ib.*, fols. 114-118 v.

⁵⁰ *Ib.*, fols. 71-73.

⁵¹ *Ib.*, fols. 156-157 v.

⁵² *Ib.*, fols. 130-131 v.

e meia, faz referências à vida e milagres de S. Domingos e tece o elogio da sua ordem, por exemplo, num sermão do apóstolo S. Tomé. De facto, lemos aqui um paralelo entre S. Domingos e S. Paulino de Nola, que se vendeu como escravo para remir outro cativo: «ut fecit Paulinus et voluit facere beatus Dominicus, ambo enim isti pro redemptione proximi se vendere voluerunt»⁵³. Também este caso vem na *Vita Beati Dominici*, de Frei Pedro Ferrando, no capítulo catorze.

A propósito dos quatro evangelistas, fala-nos Frei Paio das quatro *quadrigas* de Deus no mundo. A primeira, dos patriarcas que pregaram a lei natural. A segunda é «a quadriga da lei de Moisés», puxada pelos profetas. A terceira é a dos apóstolos e evangelistas, da lei da Graça. Enfim, temos a quarta quadriga, a dos novos pregadores de toda a Sagrada Escritura. Grandes pregadores, na verdade, e famosa quadriga, diz ele, cujas rodas são a lei natural, a lei de Moisés, a lei evangélica e o ensino dos Santos Padres que depois vieram. Esta última quadriga é tirada por cavalos fortes e de várias cores (*sunt equi varii et fortes...*), pois os pregadores divergem no hábito que vestem, na força que têm e na forma da pregação.

Neste ponto, decerto pensava também Frei Paio nos seus irmãos de hábito, os frades pregadores. E não só pensava como a eles se referia principalmente, pois vemos os dominicanos comparados a cavalos fortes e de variegadas cores no prólogo da *Vida de S. Domingos*, por Frei Pedro Ferrando, tantas vezes utilizada neste sermonário de Frei Paio.

Passemos, porém, a outro lugar. Ao cantar a glória de S. João Baptista, declara-nos ele que há dois luzeiros ou estrelas. Uma, dentro de nós (*lucifer interior*), que é a graça de Deus. E a outra, exterior, que é a ordem dos frades pregadores: «Secundus, exterior, scilicet ordo predicatorum»⁵⁴. Alega Frei Paio um versículo de Job: «Et quasi meridianus sol consurget tibi ad vesperam; et cum te consumptum putaveris, orieris ut lucifer». E ao entardecer, levantar-se-á sobre ti uma luz como a do meio-dia; e quando te julgares consumido, nascerás como a estrela da manhã.

Pois bem, Frei Paio interpreta figuradamente esta passagem como profecia e promessa da nascente ordem dos frades domínicos

⁵³ *Ib.*, fol. 12.

⁵⁴ *Ib.*, fol. 95.

para salvação da Cristandade devastada pelos hereges, sobretudo nas terras de Tolosa⁵⁵.

Voltemos agora atrás, a um dos primeiros sermões do códice, por sinal em honra de S. André. Faz o pregador girar o panegírico em torno do nascimento da sua ordem e afirma que foi Cristo o seu fundador, embora pareça ter sido S. Domingos: «A quo: ab ipso Dei Filio domino nostro Iesu Christo, ipse enim fuit huius ordinis inchoator»⁵⁶.

Em resumo, nada contradiz a autoria de Frei Paio, assinalada no final do apógrafo alcobacense de 1250. Tudo se encaminha na sua direcção: o tempo, a ordem religiosa, a terra em que pregou, os santos que escolheu e em que mais se demorou.

Há uma dificuldade, aliás sem importância. Num sermão de S. Bento, diz o pregador «nosso pai S. Bento»: *in persona beatissimi patris nostri Benedicti*⁵⁷. Ora, os dominicanos não seguem a regra de S. Bento, mas, sim, a de S. Agostinho. Porém, logo no sermão seguinte, já não fala desse modo. Além disso, caso não seja isto um deslize do copista alcobacense, cuja regra era a beneditina, bem pode tratar-se dum sermão pregado a monges bentos. E então, nada tão natural como dizer *patris nostri*, por simpatia com o auditório e adaptação aos ouvintes cujos sentimentos exprimia. Enfim, nada de sério contradiz o *explicit* da obra, confirmado nos panegíricos de S. Domingos e ainda noutros já apontados.

Já provámos ter Frei Paio estado em Santarém. E decerto em muitas mais terras portuguesas, pois os pregadores, como as quadrigas do exército de Deus, para empregarmos a sua comparação, percorriam, em todas as direcções, as estradas do mundo europeu.

Que pregou em português não oferece dúvidas para a maior parte dos sermões, pois o povo não entendia latim e os clérigos e frades entendiam-no com dificuldade, afora alguns mais doutos. Por conseguinte, o estar este sermonário em latim nada significa quanto à língua. Eram planos de sermões, em latim, como aliás os compêndios escolares e as aulas universitárias daquele tempo. E não passavam de sermões-para-ser-pregados. O orador tinha de desenvolver os pontos em que se articulava cada panegírico, dar-lhes uma nota temperamental própria e diferente de homem para homem, meter

⁵⁵ *Ib.*, fol. 95.

⁵⁶ *Ib.*, fol. 2.

⁵⁷ *Ib.*, fol. 71.

algumas ideias suas, pôr de pé e fazer explodir o que não era mais do que energia e pensamento reduzidos a fórmulas breves.

Apesar de serem esquemas de pregação, descobrimos neles notas biográficas, aqui e além, algumas já apontadas. Duma destas passagens, concluímos que Frei Paio também esteve na Inglaterra.

Ora vejamos. S. Tomás de Cantuária, martirizado em 1170, foi canonizado em 1173. A sua morte fez estremecer a Europa de então e as notícias da sua vida e milagres depressa chegaram longe, a ponto de, já em 1185, neste canto do mundo, haver no Mosteiro do Lorvão a *Passio Sancti Thome Cantuariensis*, no cód. alc. 143.

Por conseguinte, não admira que, entre os sermões de Frei Paio, existam nada menos de nove panegíricos de S. Tomás de Cantuária⁵⁸. Num deles, afirma o autor que Deus fez muitos milagres por intercessão do santo, ressuscitando mortos, limpando leprosos, *conforme vimos*, afugentando demónios, sarando hidrópicos e paráliticos, etc. A expressão «leprosos ut nos vidimus mundando»⁵⁹ significaria ter Frei Paio estado em Cantuária, junto do sepulcro do arcebispo-mártir? Lendo o contexto, não vemos outra explicação, pois não se trata de milagres acontecidos em Portugal, mas na Inglaterra, no local das peregrinações, nem se refere a factos narrados anteriormente, no tom de *como nós dissemos*. Aliás, já em 1221 mandara S. Domingos treze frades a Cantuária, donde passaram a Londres. Em 1236, fundou-se o convento dominicano de Cantuária, primeiro com vinte frades e depois com cinquenta. Frei Paio bem podia ter seguido o exemplo de tantos peregrinos do continente. Tudo isto reforça a frase *ut nos vidimus*. Como já acentuámos, não se trata, pois, duma referência a qualquer passagem anterior dalgum sermão.

Quanto à presença de Frei Paio em Bolonha (e por conseguinte noutros lugares da Itália) nenhuma dúvida possível. Foi Bolonha o lugar preferido para alguns dos primeiros capítulos gerais dos frades pregadores, por exemplo em 1220, 1221, 1223, 1225, 1227, 1229, 1231, 1233, 1235, etc.⁶⁰. Nem se fala dos que estudavam na Universidade.

Por outro lado, em Bolonha, no ano de 1233, a 24 de Maio, procedeu-se à primeira exumação do corpo ali sepultado de S. Domin-

⁵⁸ *Ib.*, fols. 28-31.

⁵⁹ *Ib.*, fol. 30 v.

⁶⁰ ANG. WALZ, O. P., *Compendium Historiae Ordinis Praedicatorum*, Roma 1948, p. 699.

gos. A segunda foi em 1267 e não interessa, por Frei Paio já ter entregue a alma a Deus. Da primeira exumação fala também Frei Jordão de Saxe, no cap. 63 do *Libellus de Principiis Ordinis Praedicatorum* e afirma que saiu então um perfume tão intenso do sepulcro do santo que em nada se assemelhava a qualquer perfume deste mundo⁶¹. Celebrava-se então um capítulo geral da ordem e lá se encontrava Frei Paio, pelo menos na exumação de S. Domingos, pois conta o «milagre», chamemos-lhe assim, do perfume sobrenatural, declarando ser ele mesmo testemunha do facto.

Com efeito, num sermão de S. Domingos, diz-nos Frei Paio: «in cuius rei testimonio, die translationis eius, mira odoris fraglantia in eius et ossibus et pulvere et capsula est reperta, quam ego Bononie tunc positus sum expertus»⁶². No dia da sua trasladação, sentiu-se uma admirável fragrância de perfume, não só nos seus ossos mas também nas suas cinzas e no caixão, a qual fragrância eu mesmo experimentei, pois achava-me então em Bolonha.

E no sermão seguinte, ainda em honra de S. Domingos, torna a insistir nos mesmos factos, quase no começo da pregação: «in translatione igitur sancti huius, bene potuit Christus dicere: *Ecce odor*, etc.; revera enim, in apertione sepulcri eius, tanti odoris suavitas emanavit quantam me nunquam arbitrator percepisse, nam tunc temporis ipse presens fui Bononie. Vere mirari et dicere potui: *ecce odor patris mei sicut odor agri pleni, quem benedixit Dominus; non solum enim ossa illa sancta, sed etiam panni et pulvis et capsula et terra et manus tangentium aliquid horum mirabili et pene incredibili fraglantia redolebat*»⁶³.

Quer dizer: «Na trasladação deste santo bem pôde Cristo dizer: *Eis que o perfume*, etc. Com efeito, ao abrir-se o seu sepulcro, saiu dele tão suave perfume que penso nunca ter eu sentido igual, pois nessa ocasião estava eu presente em Bolonha. Na verdade, pude maravilhar-me e dizer: *Eis que o perfume do meu pai é como o cheiro dum campo farto, abençoado pelo Senhor*. De facto, não só aqueles santos ossos exalavam perfume admirável e quase incrível, mas também o mesmo acontecia aos panos, às cinzas, ao caixão, à terra e às mãos dos que neles tocavam».

⁶¹ Cf. *Monumenta Ordinis Fratrum Praedicatorum*, t. 16, Roma 1935, pp. 86-87.

⁶² Bibl. Nac. de Lisboa, cód. alc. 5, fol. 117 v.

⁶³ *Ib.*, fol. 118.

E prova-se, mais uma vez, tratar-se dum domínico, pois chega a alterar o texto bíblico acima citado, substituindo *fili mei* (meu filho) por *patris mei* (meu pai), referindo-se a S. Domingos de Gusmão. E agora, vamos apresentar ao leitor o ciclo geral dos sermões de Frei Paio, e o número de panegíricos de cada festa, íamos a dizer a «densidade» de cada tema.

Ciclo festivo dos sermões de Frei Paio

Já vimos que o sermonário de Frei Paio acompanha o ciclo litúrgico do ano, principiando pela festa de S. André, a 30 de Novembro (o primeiro santo da *Legenda Aurea*) e terminando com os 5 sermões para a festa de S. Catarina, virgem e mártir, a 25 de Novembro.

A escolha das festas e dos santos talvez dependesse também dos lugares e tempos onde pregava (ou tencionava pregar). Deviam ter influído muitas circunstâncias para tal escolha, entre elas a sua actividade apostólica, as necessidades do público e até o gosto de proporcionar aos futuros pregadores um conjunto amplo e bem seleccionado de exemplos de oratória cristã em louvor dos santos.

Quanto a S. Bento de Monte Cassino, pai dos beneditinos, cistercienses e tantos outros religiosos, padroeiro de tantas freguesias em Portugal, tem 4 sermões neste códice. Para um dominicano, cuja regra é a de S. Agostinho, não nos parece pouco nem muito. Havia bastantes monges bentos para pregar os restantes sermões em louvor do santo fundador duma das maiores ordens do mundo.

Mas espanta-nos, sinceramente, não descobrir, nestas páginas, um único sermão da festa de S. Bernardo de Claraval (†1153). Talvez se explique por não haver ocasionalmente precisão das suas prédicas nas festas dos mosteiros cistercienses, cujos religiosos chegariam para celebrar o elogio festivo do abade de Claraval. Também na oratória sagrada se verifica a lei da oferta e da procura ou, como diz Toynbee, do desafio e da resposta. E para Frei Paio, é possível que não existisse, neste sentido, desafio dos monges cistercienses, apesar de ser um abade de S. João de Tarouca e um monge alcobacense que se empenharam na transcrição deste sermonário do séc. XIII. Não existia desafio, dissemos nós, ou não lhe pôde responder, por motivos também desconhecidos.

Umás atrás das outras, vamos nomear as festas aqui celebradas, com o respectivo dia da celebração e o número de sermões:

S. André a 30 de Novembro, com 10 sermões (fols. 1-4v); S. Nicolau, bispo e confessor, a 6 de Dezembro com 8 sermões (fols. 4v-7v); Santa Eulália de Mérida, com 5 sermões (fols. 7v-9), a 10 de Dezembro; Santa Luzia, com 6 sermões (fols. 9-11v), a 13 de Dezembro; 4 sermões de S. Tomé, 21 de Dezembro (fols. 11v-13); 8 sermões para a vigília do Natal (fols. 13-16); 9 sermões do Natal (fols. 16-20); 1 sermão para dia de comunhão: *sermo in quolibet tempore communicandi* (fol. 20-20v); 7 sermões para a festa do protomártir S. Estêvão (fols. 20v-22v), a 26 de Dezembro; 8 sermões de S. João Evangelista (fols. 22v-25v), a 27 de Dezembro; 9 sermões na festa dos Santos Inocentes (fols. 25v-28), a 28 de Dezembro; 9 sermões na festa de S. Tomás de Cantuária (fols. 28-31), a 29 de Dezembro; 5 sermões em honra de S. Silvestre (fols. 31-33v), no último dia do ano; 6 sermões da Circuncisão (fols. 33v-36v), a 1 de Janeiro; 12 sermões da Epifânia (fols. 36v-41v), a 6 de Janeiro; 7 sermões na festa de S. Sebastião (fols. 41v-45v), a 20 de Janeiro; 8 sermões em louvor de Santa Inês (fols. 45v-49v), a 21 de Janeiro; 10 sermões do mártir S. Vicente (fols. 49v-55v), cuja festa se celebra a 22 de Janeiro; 10 sermões da conversão de S. Paulo (fols. 55v-59), celebrada a 25 de Janeiro; 8 sermões da Purificação de Nossa Senhora (fols. 59-62v), a 2 de Fevereiro; 3 sermões em honra de Santa Águeda (fols. 62v-64), a 5 de Fevereiro; 4 sermões da Cadeira de S. Pedro (fols. 64-66), a 22 de Fevereiro; 5 sermões na festa do apóstolo S. Matias (fols. 66-68v), a 24 de Fevereiro; 5 sermões em louvor de S. Gregório Magno (fols. 68v-71), a 12 de Março; 4 sermões de S. Bento (fols. 71-73), a 21 de Março; 11 sermões para a festa da Anunciação (fols. 73-78v), a 25 de Março; 4 sermões em honra de S. Ambrósio (fols. 78v-80), para o dia 4 de Abril; 2 sermões para o mártir S. Jorge (fols. 80-81), a 23 de Abril; 4 sermões para o evangelista S. Marcos (fols. 81-82v), a 25 de Abril; 1 sermão para o dia das rogações: *sermo in diebus rogationum* (fols. 82v-83); 9 sermões dos apóstolos S. Filipe e S. Tiago Menor, ora juntos ora separados (fols. 83-87), a 1 de Maio; 4 sermões da invenção de Santa Cruz (fols. 87-89), a 3 de Maio; 2 sermões de S. João *ante portam latinam* (fols. 89-90), a 6 de Maio; 3 sermões para a festa de S. Barnabé (fols. 90-91), a 11 de Junho; 2 sermões para a festa de S. António de Lisboa (fols. 91-91v), a 13 de Junho; 2 sermões para S. Gervásio e S. Protásio (fols. 91v-92v), a 19 de Junho; 8 sermões em louvor de S. João Baptista (fols. 92v-95v), cuja festa de

nascimento se celebra a 24 de Junho; 2 sermões em louvor dos mártires S. João e S. Paulo (fols. 95v-96v), a 26 de Junho; 9 sermões da festa dos apóstolos S. Pedro e S. Paulo (fols. 96v-101v), a 29 e a 30 de Junho; 2 sermões para a festa de S. Marinha (fols. 101v-102v), a 18 de Julho; 2 sermões para a festa de Santa Margarida (fols. 102v-103v), a 20 de Julho; 9 sermões em louvor de Santa Maria Madalena (fols. 103v-106v), a 22 de Julho; 13 sermões para a festa de S. Tiago Maior (fols. 106v-113), a 25 de Julho; 3 sermões para a festa das Cadeias de S. Pedro (fols. 113-114), a 1 de Agosto; 10 sermões em louvor de S. Domingos (fols. 114-118v), a 4 de Agosto; 6 sermões do mártir S. Lourenço (fols. 118v-120), a 10 de Agosto; 1 sermão para a festa de S. Hipólito (fol. 120-120v), a 13 de Agosto; 15 sermões da Assunção de Nossa Senhora (fols. 120v-127v), a 15 de Agosto; 8 sermões para a festa do apóstolo S. Bartolomeu (fols. 127v-130), a 24 de Agosto; 4 sermões em louvor de S. Agostinho de Hipona (fols. 130-131v), a 28 de Agosto; 6 sermões sobre a degolação de S. João Baptista (fols. 131v-134), para o dia 29 de Agosto; 11 sermões para a festa da Natividade de Nossa Senhora (fols. 134-138v), a 8 de Setembro; 6 sermões da exaltação da Santa Cruz (fols. 138v-141v), a 14 de Setembro; 1 sermão em honra do mártir S. Cornélio (fols. 141v-142v), a 18 de Setembro; 2 sermões para S. Cipriano (fols. 142v-144), também a 18 de Setembro; 8 sermões do apóstolo S. Mateus (fols. 144-147v), a 21 de Setembro; 2 sermões para a festa de S. Maurício (fols. 147v-148v), a 22 de Setembro; 2 sermões para S. Cosme e S. Damião (fols. 148v-149v), a 27 de Setembro; 6 sermões para a festa de S. Miguel Arcanjo (fols. 149v-153), a 29 de Setembro; 4 sermões em honra de S. Jerónimo (fols. 153-156), a 30 de Setembro; 2 sermões para a festa de S. Francisco de Assis (fols. 156-157v), a 4 de Outubro; 5 sermões em louvor de S. Dionísio Areopagita (fols. 157v-159), a 9 de Outubro; 8 sermões para a festa do evangelista S. Lucas (fols. 159-162), a 18 de Outubro; 5 sermões para o dia dos apóstolos S. Simão e S. Judas (fols. 162-164v), a 28 de Outubro; 8 sermões para a festa de Todos-os-Santos (fols. 164v-168), a 1 de Novembro; 1 sermão para o dia dos fiéis defuntos (fols. 168-169), a 2 de Novembro; 7 sermões em louvor de S. Martinho de Tours (fols. 169-172), a 11 de Novembro; 5 sermões de S. Cecília (fols. 172-174), a 22 de Novembro; 6 sermões para a festa do papa S. Clemente (fols. 174-177), a 23 de Novembro; 5 sermões em louvor da mártir S. Catarina de Alexandria (fols. 177-179v), a 25 de Novembro.

A situação deste ou daquele sermão entre tais e tais santos, neste mês e não no outro pode dar-nos sugestões para a origem do sermonário. Por exemplo, a festa de Santa Marinha vem no mês de Julho, entre santos deste mês e não do mês de Junho. Ora, isto acontecia precisamente na Península Ibérica, sobretudo na Galiza e norte de Portugal.

Sem desejos nem possibilidades para publicar este sermonário gostaríamos, ainda assim, de mostrar ao leitor os dois sermões de S. António de Lisboa, como vêm no manuscrito, mas com as abreviações desdobradas, para vermos como era possível condensar em pouco espaço a matéria dum amplo sermão. E também para analisarmos o seu processo de trabalho e o uso das fontes hagiográficas, escriturísticas ou até de ordem profana e circunstancial. É isso o que tencionamos fazer noutra ocasião.

MÁRIO MARTINS, S. J.